



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Gaiato do Porto—Paço da Sousa
Vales do Gregório para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628-Porto

A nossa espadelada

Falava-se nela cá em casa com muita curiosidade. Ninguém sabia o que era. Eles são da rua e nas ruas não há beleza.

Duas jornaleiras do lugar, ocuparam-se por alguns dias a fazer estrigas, para ministrar às espadeladeiras. Foi pelo número das peças que se calculou o número das mulheres, que haviam de vir. Marcou-se dia. Prepararam-se as coisas no terreiro, à sombra das nossas ramadas. O termómetro subiu: *eh! pá é amanhã!*

O dia foi bem encomendado; era um sol de ouro. Cincoenta e quatro espadelas, batiam o linho. A alegria era aos caudais. A primeira refeição foi de pão branco e café; pão que nós fizemos em casa. A segunda, ao meio dia, foi succulenta e abundante; abatera-se de véspera uma das nossas vitelas. O Marchante, ao desfazer, declarou que ela não devia ter bebido menos de vinte «cartilhos» de leite por dia, à carne que tinha! A merenda não desdisse e a ceia, foi caldo de nabijas com feijão frade.

Eu gosto muito de dar de comer; é uma paixão. Dar de comer ao nosso povo, que é pobre e passa tão mal! Muitas das espadeladeiras, não puderam comer o seu quinhão, por fraqueza! *Ai! se eu sabia que era arroz, não tinha comido tanto caldo!* O ar, nunca chegou a todas as mesas e hoje, a muito poucas.

Os nossos professores improvisaram uma *chulada*, que só por gosto se ouvia: era uma viola, uma harmónica, dois cavaquinhos, um violão, um bandolim, um clarinete, uns ferrinhos e um tambor. Dois cantadores botavam loas. A um lado, as espadeladeiras. A outro, os gaiatos. No centro, os tocadores. Foi um jantar concerto. O Rio Tinto, chegava o morrão e os mais, apanhavam as canas dos foguetes.

A tardinha, depois do linho feito e enquanto se espera pela ceia, formou-se no terreiro uma roda de espadeladeiras. Os tocadores acompanham, afinados. Os nossos gaiatos rodopiam, aos grupos. Ao varrer do sol, acabou a festa, que não a alegria.

Foi assim a nossa espadelada. Temos agora umas mulheres ocupadas em assedar o linho. Contamos dar aqui notícia de todos os tormentos que ele vai passar até ser pano que cubra os filhos da casa.

FIM DAS JORNADAS

O ponto final, foi pôsto numa pequenina alocução, a um pequenino auditório, na pequenina igreja do Convento Carmelita do Buçaco. Ou seja pela acustica do templo ou atenção dos fiéis, o certo é que, sempre que ali vou, asseguro óptimos resultados. Dali fiz rumo a Lisboa. Um senhor, quiz dar-me lugar no seu carro até Coimbra; o comboio, completou a viagem. Chegamos à tabela. Manhã seguinte, preparei-me para os passos da via crucis.

O primeiro foi glorioso; deti-me na rua a escutar uma alma aflita e de ao pé dela, entrei num barbeiro. Um senhor, senta-se na cadeira a seguir à minha. Volta-se de cara ensaboadá, estende a mão como quem compriminta e deixa ficar na minha, uma nota das grandes. Precisamente igual à que eu acabara de dar! Não se sabe quem me deu a nota, tão pouco a quem eu dera uma nota.

As colunas deste jornal são silenciosas, por isso mesmo é que o mundo tanto fala delas! Ele há princípios certos nas leis da natureza, como também na da graça. Com aqueles se fazem inventos e com estas convicções. Eis um princípio de ordem sobrenatural: quem quizer ter sempre muito de tudo, dê sempre muito de tudo.

O dia rendeu muito pouco nos mais passos da via sacra; estavam em férias os senhores que eu procurava. Limitei-me a saber onde parava o subsídio de 150 contos concedido pelo Fundo de Desemprego à Obra da Rua, para continuação das obras da Casa do Gaiato do Porto, em Paço da Sousa. Este Fundo é o mais assombroso ovo de Colombo de que fala a história de Portugal, a saber; com migalhinhas do povo, construir obras monumentais a bem do povo. Elas estão aí. Podem ser vistas e apalpada, os dois sentidos da evidência. Vêde e apalpai o meu corpo, disse Jesus aos incrédulos da ressurreição.

Este subsídio, é o quinto que o Ministro das Obras Publicas concede para a continuação das obras

da nossa Aldeia: ao todo novecentos contos.

Não o fazem de ânimo leve. Mandam os seus técnicos verificar, de vez em quando, o que e como está feito. São as melhores contas que eu posso prestar. O que se pretende é justamente que vão vêr. São engenheiros. Sabem. Repon-tam. A verdade não teme reis nem reinados. De uma das visitas, um senhor engenheiro, comovido, deixou ficar para a obra o dinheiro que levava na algibeira; quem dera mais comovidos!

Os Ministros não o fazem por simpatia pessoal; eles mal me conhecem. Fazem-no por bem servir a Nação. Eu também lá não vou de chapéu na mão, como quem mendiga. Posso dizer com humildade, que sou, também, um servo da Nação. Do primeiro trimestre de 1943 até hoje, gastaram-se com as obras 2.400 contos; o que vai além daqueles 900, é o suor do meu rosto.

Para a continuação das obras, é o despacho deste derradeiro subsídio, o que vem manifestar a vontade de que as obras prossigam.

E prosseguem. Em 1946 havemos de ter o edificio das escolas, a Casa de lavoura, a piscina e o balneário.

Este número de
«O GAIATO»
foi visado pela Censura

Nota da quinzena

Eu tivera o cuidado de avisar, mui discretamente, que lhe não podia ministrar a Comunhão à Missa, por indecorosa.

—Ora essa; eu cá sou católica praticante!

Pela sua própria boca se condenou; a ela e a esta geração. Já não seria pequeno mal dizer-se católica, porém declarou-se praticante—isso é bem pior. Aqui há tempos, celebrava no altar de uma paróquia e ao abrir o sacrário, vem de lá uma bafarada de perfume! Os cristãos de hoje querem secularizar Jesus. Ele há-de conformar-se com o mundo muito embora haja dito que o Seu reino não é deste mundo. E' tal. Lá está o cheirinho no sacrário. Nós não havemos de ser como Ele; não senhor. Ele é que há-de ser como nós! O fel e o vinagre. Os cravos e a cruz, não são nem representam nada. Um frasquinho de cheiro. Um arco iris nos altares. Umas devoçõesinhas piegas, e eis. Programasinho delicioso de tais católicos praticantes, que desacreditam a nossa santa religião. Os de pouca fé, vacilam. Os descrentes, fogem.

Ora a verdade toda está em que o fundamento do cristianismo é a renúncia. Jesus Cristo foi o pregador da renúncia—que ensinava,—praticando-a Ele mesmo.

Praticar a renúncia todos os dias; fazê-lo por amor do Mestre, até nas coisas que nos são lícitas, isso chama-se, e de facto é, ser católico praticante. O mais, são apetites. Apetitesinhos.

O NOSSO CÁLICE

Nada menos de 250 pessoas vieram de muito longe com muita devoção, dar a sua parte para o monumento: 1 agulheiro, 1 dodal, 2 broches de brilhantes, 7 libras, 1 moeda de dez mil reis, 1 dita de oito mil reis, 4 meias libras, 3 moedas de mil reis, 1 pinto, 2 relógios, 2 cordões, 1 trancelim, 15 pulseiras, 3 cadeias, 12 colares, 1 castão de bengala, 87 aneis, 20 botões de punho,

1 pulseira de elos, 5 pulseirinhas, 17 allinetes de gravata, 34 medalhas, 5 crucifixos, 7 berloques, 29 pares de brincos, 5 mosquetões e uma data de peças partidas. O artista que vai fazer a peça, encontra-se actualmente fora de Portugal, contudo, há toda a esperança de que nos fins deste mês, os que deram o ouro mai-las pedras preciosas, possam vêr aplicadas as suas ofertas.

Uma carta

Nós podíamos compor um numero inteiro de «O Gaiato» com aquelas cartas que normalmente se recebem durante a quinzena; podiamos. E haviam de fazer bem às almas, pelo alimento adequado que vem em suas regras. Porém, como o nosso jornal é muito pequenino, e são muito grandes as coisas que os redactores teem para dizer, só de longe a longe aqui aparece alguma:

Pedia o favor de ler esta carta até ao fim, porque não é de elogios mas só de agradecimentos.

Não o conheço pessoalmente, mas admiro a obra e apaixonei-me por ela, desde a hora em que em Coimbra, onde estava de passagem, ouvi dizer a um garoto da rua, que chorava de gratidão: — «Cofadinho do Senhor Padre Américo! Fez-se pobre por nossa causa!»

Deu-me também vontade de chorar. Deve ter sido muito sincera e muito verdadeira uma tal doação, para assim arrancar lágrimas de gratidão.

Pois também eu, hoje queria agradecer o bem que V. me fez. Li todos os volumes do «Pão dos Pobres» e leio sempre o «Gaiato». Sempre que abro um livro seu parece-me ouvir a voz de Jesus. E' o Espirito Santo que fala à minha alma. E' como uma leitura do Evangelho.

Muitas frases abrem-me horizontes novos e gosto de ler devagar, a saborear a voz do Mestre. Quanto bem Jesus me tem feito com esta leitura! E' bem certo que o Pobre é uma segunda Eucaristia que esconde Jesus.

Já por várias vezes agradeço a Deus, na Sagrada Comunhão, a graça de nos ter dado a si. Sei que V. no fim de contas, nada é e nada vale e que não passa de um reles instrumento nas mãos do Senhor, mas, nem por isso deixo de agradecer, porque é um instrumento livre e tem o mérito altíssimo da boa vontade e de um pouco de esforço.

Obrigado, meu Padre. Gostaria de lhe beijar as mãos, de o ver e ouvir. Não posso. Não tenho dinheiro para uma viagem a Paço de Sousa. Ofereço este sacrificio pelo seu apostolado.

Era isto o que desejava dizer. Peço perdão do tempo roubado, mas vou dentro em breve sair de Portugal e não queria ir-me embora sem agradecer.

Não assino esta carta, porque o meu nome nada vale e nada lhe diria e, também, porque quero este agradecimento puro e escondido. No Céu saberá quem a escreveu.

Meu Padre, reze por mim, que creio na Comunhão dos Santos.

Rezarei também para que V. nos dê sempre o exemplo duma caridade ardente e duma humildade profunda.

UM CRISTÃO.

Quero sublinhar nesta carta aquêl: — «deve ter sido muito sincera e muito verdadeira uma tal doação, para assim arrancar lágrimas de gratidão.» Foi, sim, meu senhor. Esta sinceridade não pode ser rasgada para lançar no cesto dos papeis velhos. Se muitos assim fazem são provas que o nosso bom Deus manda aquêles que vai buscar para realizar no mundo Obras que marquem a Sua existência. São injurias tamanhas, meu Senhor, que só por Seu amor se podem sofrer.

Mais casas iluminadas

Não é a luz; é a vida dos pequeninos habitantes, que ilumina as casas... é o mundo! No dia 18 de Agosto, como foi aqui notificado, fizemos uma experiência com alguns dos nossos rapazes, colocando-os sobre si, em família, nas nossas casas. Eram duas famílias de nove cada uma instaladas em duas moradias. Observamos de perto. Apalpamos as coisas. Colhemos a certeza e eis que um mês depois, abrimos de par em par mais duas casas, onde se instalaram duas famílias de treze cada uma.

E' bom saber-se que a maior parte dos rapazes habita, ainda o antigo convento, onde temos a lareira e que as novas casas sita-se no ponto mais alto da cerca, ficam a uns trezentos metros. De sorte que, depois da ceia e feitas as orações da noite, vai cada môcho para seu soito, com alegria, com liberdade e consciência. Entregamos assim as novas casas da aldeia, casas dêles, aos pequeninos chefes e êles estimam-nas e estima-se. E' até, por sentirem esta verdade, que êles assim procedem.

Nós não temos medo da distância, nem da escuridão da noite nem das diabruras de rapazes à solta. Não temos medo dêles porque sentimos que também êles não temem. Ora é a regra de consciências bem formadas, o pagar amor com amor.

Nós adotamos aqui aqueles princípios que informam a natureza das coisas, e regeitamos absolutamente as medidas geométricas que é costume aplicar em nossos dias, nas chamadas casas de educação de rapazes delinquentes ou em perigo moral.

O nosso desejo constante é colocar na sociedade futuros homens que sejam por ela e não contra ela. Aqui é que está. A seguir a esta segunda experiência, vamos iluminar mais duas casas e só depois mudaremos a lareira para a nossa Casa Mãe, que fica no centro da aldeia. E' a última coisa a ser transferida por ser justamente a primeira. Nós colocamos o máximo esmero na cozinha. Olhamos para ela como fonte de paz e de boas resoluções. Queremos que os nossos rapazes participem do fogo. Quantos não temos nós conquistado com um simples prato de arroz doce! Quando, à hora de deitar, eu espreito os dormitórios e observo dezenas de pequeninos sentados em seus leitos, mãos recolhidas e mãos postas, logo digo para mim mesmo que o leite quente e o caldo bem feito teem muita responsabilidade naquelas atitudes. Tenho muita pena, se, com esta doutrina, ofendo os mestres de vida espiritual; tenho sim. E' a experiência colhida no tugúrio.

E' um bocadinho de tarimba. E também é lição do Mestre o qual, antes de chamar os seus ouvintes às coisas celestes dava-lhes de comer.

Mais dois desconhecidos

E' o Alfredo Gonçalves Ribeiro, que parece andar na casa dos catorze. Declara ter nascido no Pôrto e que, agora, residia no lugar da Cabada, Freguesia Santa Eulália, Arouca. Mais informa ter quatro irmãos que andam por lá com a mãe. Este andava por lá e o selo branco do passaporte. E' um cartão de identidade. E' a mais feliz das transferências; passam assim a andar por cá!

O outro desconhecido, é o José Rodrigues Pereira da mesma idade. Diz que nasceu em Cutoias, Lugar

CARTA DA Obra do Ardina

Calçada da Glória, 38 — LISBOA

Estamos em acção de graças na «Casa do Ardina»!...

Acção de graças, pela maneira como decorreu a «Colónia de Férias» na Parede. Acção de graças, pelos progressos que notamos nos nossos rapazes.

Assim numa manhã de praia, o Rui viu-se aflito com o mar, caindo num redemoinho.

Antes que o banheiro acoresse, já lá estava o Ildio — o chefe do grupo do «Santo Condestável» a provar que sabia bem quais as suas responsabilidades.

Outros acorreram. Os salvadores eram tantos, que se «atrapalharam»... O Armindo Sá enguliu água, mas, no dia seguinte contava-nos a aventura de olhos brilhantes. Eles já sabem ser heroicos, lutar e sofrer uns pelos outros!... Graças a Deus.

«Há males que veem por bem», pensamos nós. E houve mais, mais!...

O mesmo Rui foi com o António Marques a Cascais vender «Gaiatos». Perdem o comboio de Terceiras em que haviam ficado de regressar à Parede. Com o desembaraço e expediente próprio, telefonam-nos muito... disciplinadamente. — «Daqui é o Rui da «Colónia dos Ardinas». Perdemos o comboio. Diga o que quer que façamos: Vamos no primeiro comboio que é de segundas, ou esperamos por um de terceiras?»

«Vão a tal lado (casa... amiga!) e peçam que lhes dêem almoço e venham logo a seguir no primeiro comboio...» Rimos a bom rir com o expediente, a despesa, a disciplina!

Estavam prontos a esperar por um comboio de terceiras, para economizar... o que gastaram no telefonema...

Da festa final, falar-te-ei na próxima vez, tão cómicas e cheias de lição foram as peripécias.

E termino lembrando-te, Gaiato amigo e a quantos nos leem, que vamos abrir a 2.ª «Casa do Ardina» de Lisboa em Novembro próximo, e queremos alargar a «Obra do Ardina» até Coimbra e Pôrto, muito brevemente.

Dinheiro? Esperamos que haja quem nos leia, e queira pôr a render socialmente a sua generosidade...

MARIA LUÍSA

Os nossos assinantes

Eu considero e desejo vêr um amigo da Obra, em cada assinante.

Nós cumprimos. O jornal é expedido da Rua D. João IV pelos nossos rapazes; cinto, empacotado, ensacado, conduzido à estação postal, em ordem deliciosamente desordenada. Nunca houve uma queixa!! A gente cumpre, sim.

Outro tanto não posso dizer dos nossos amigos!

Agora mesmo o Avelino me trouxe uma lista dos que ainda não se «desobrigaram». São «trezentos e cincuenta» dêles, que não vieram ainda em 1945. Não é por mal. São afazeres. «O Gaiato» continua todos os 15 dias a bater à vossa porta, esperançoso. Quem sabe? Talvez que, por muito apacecer, venha a ser visto.

- António Pereira Caetano Morais, 50\$; Fernando José Calado, 20\$; António Lobo Vaz Patto, 20\$; Jacinto Costa Guerra, 50\$; José Berry da Silva Braziel, 50\$; Dr. Francisco Dutra Faria, 50\$; Rui A. Moura Lobo das Neves, 25\$; Dr. Armando Cancellada de Abreu, 40\$; Júlia Falcão Ribeiro, 50\$; Dr.ª Fernanda de Sousa Carvalho, 20\$; Albino Faria, 50\$; Abílio de Matos Salvador, 40\$; Maria Manuela da Costa C. e Sá, 20\$ — todos de Lisboa. Jaime dos Santos Maia, Vila do Conde, 50\$; Arlindo Correia Garcia Fernandes, 30\$; Irene Santos, 20\$; Ofélia Gonçalves Costa, 50\$; Maria Preciosa Pombeiro, 20\$; Maria Fernandes da Cunha, 20\$; Carolina Furtado 50\$; Clara Evaristo, 50\$; Eduardo Marques dos Santos, 40\$; Padre António da Fonseca Soares, 50\$; Mariete Matys de Vasconcelos, 25\$; Alzira de Freitas Mattys, 25\$; José Guilherme, 50\$; Ilda Gomes Mota, 50\$; Mateus Marques Gaspar Vieira, 30\$; António Armando Ferreira de Castro, 25\$; Rodolfo Barroca, 30\$; Aurélio da Silva Baltazar Brites, 50\$; Alvaro Rodrigues de Almeida Neves, 50\$; José dos Reis Pereira, 20\$00; Julio Pinheiro Mota Menezes, 25\$00; Edgar Santos, 40\$00; Eugène R. ynaud, 20\$00; M. A. Franke Passos, 25\$00; Eug. Augusto Nascimento Nunes da Fonseca Junior, 200\$ — todos do Pôrto. António Cândido da Silva, 20\$; Emilia Teixeira da Silva Sousa, 20\$; Fernando de Almeida, 30\$; Joaquim Casals 20\$ — todos da Foz do Douro. Maria Sacramento Simões, Ilhavo, 25\$. Maria do Carmo Vareta, S. Mamede de Infesta, 50\$; Dr. António Vaz Patto, Galizes, 50\$; Beatriz Soares Vieira Braga, 40\$; Prof. Artur de Albuquerque Sobral, 25\$; Dr. Manuel de Paiva Boléo, 50\$; João Almeida Santos, 10\$; Manuel Gouveia Falcão, 50\$; Cândido Rocha Ferrand de Almeida, 30\$; Luis José Martins, 30\$; Rosa Alves Velho, 25\$; Duarte Nuno Prazeres, 25\$ — todos de Coimbra. Maria Augusta Pissarra Lobo Xavier, Idanha-a-Nova, 50\$.

Continua.

Um toirinho!

NOVAMENTE chego duma jornada, e a malta vem de escantelão a gritar: temos um toirinho! E ali tive de escutar por maneiras graciosamente descontraídas as minuciosas circunstâncias do acontecimento. Notei que o Claudino e o Amadeu traziam a cabeça rapada com tiras de adesivo coladas. — Que foi isso! — Não foi por mal. Ora sabemos que tudo quanto acaba em bem é bem.

NOTICIAS DA CASA DE MIRANDA

NOTICIAS DA CASA DE MIRANDA

Antes de mais nada, devo relatar o que um dos pequeninos vendedores me disse à chegada: Foi um Senhor que lhe ofereceu bolos num café.

—Não podemos aceitar.

—Porquê?

—Porque P.º Américo não quiere.

—Aceita que ele não está aqui para vêr!

Eu tomo à conta de amigos os que tratam bem os meus filhos. Oferecer-lhes um bôlo, é prova de amizade, sim. Mas há coisas que valem mais e fazem melhor; ajudarem-me a formar a consciência dêles. Muitos assim fazem. Na sua adorável simplicidade eles contam factos consoladores. Nos mesmos cafés outros que oferecem bolos e escutam a recusa, apoiam: *Sim senhor. Assim é que é. Obedecer sempre.*

Com os nossos visitantes é na mesma. Nem todos compreendem. Não me ajudam. Os pequeninos cicerones veem muitas vezes têr onde eu estou, allitos, a sacar dinheiro das algibeiras.

—Foi uns senhores. Eu cá não queria. Disse que não podia aceitar, mas êle ateimou e meteu-me aqui o dinheiro e disse para eu não dizer nada!

Sabemos que não é por mal mas, o certo é que fazem muito mal à nossa Obra. Basta uma palavrinha; *toma para as obras* e eles aceitam com alegria e disputam e fazem gala: *eu cá hoje já fiz mais de um conto*, como me declarou há tempos um dos cicerones, a estoirar de contente.

Em regra, esta péssima compreensão das coisas, sai de grupos de famílias de exuberantes pinturas. No arranjo das faces e do vestir, pode haver a sobriedade, o belo, o feminino. Pode e deve. O desiquilíbrio, não. Jardins de flores, sim. Caras ajardinadas, não. Muitas creanças teem ficado de fora, por causa das senhoras que as conduzem. Só por isso.

Eu necessito muito de esmolas e de visitantes que nos conheçam, sim, mas sobretudo, quero amigos que me ajudem a transformar esta massa que o mundo derrancou. Pois que o mundo não ma venha agora derrancar! Nós começamos justamente a semana passada com a portaria monumental da nossa «Aldeia». A antiga vai ficar sem uso. Haverá a casa pequenina do pequenino porteiro. Este há de ter instruções e pode muito bem acontecer que se venha a dar em Portugal um acontecimento novo: o lixo das ruas, depurado, levantar-se e pedir ao luxo, respeitosa-mente, que não macule a nossa aldeia; pode acontecer!

Os rapazes venderam 2.495 jornais e trouxeram perto de 500\$ de acréscimos; também venderam alguns livros e receberam uma data de assinaturas.

AGORA temos sempre levado esmolas mais variadas aos nossos pobres. Duma vez levamos açúcar, doutra levamos pão da farinha que sobejou das colónias de férias. Uns tiveram um pão, outros dois e outros três. Ficaram muito alegres. Ao outro dia esteve cá um Snr. P.º do Fundão que assistiu à nossa reunião e foi acompanhar-nos ao Vale Salgueiro ao nosso pobrezito que está pior. Está muito doente, muito fraco, que é uma miséria. O Sr. P.º D. deu-lhe algumas palavras de conforto para o consolar e sofrer com paciência e resignação. A nossa pobrezita da Estação tem uma filhita muito doente. Já a levou várias vezes ao médico. Há já quem lhe pague a renda da cabana onde habita. Foi lá no outro dia o Snr. Dr. da Pereira e deu-lhe 20\$00. Agradecemos muito as esmolas que nos mandaram.

O Secretário,

João Carlos Freitas.

///

A semana é para trabalhar mas ao domingo a gente farta-se de brincar. Quando não vamos passear divertimo-nos muito com o carneiro. No domingo depois de jantar fomos deitar o carneiro ao carro. O Sérgio atou-o ao carro e pendurou-lhe uma campainha na cauda que era para o carneiro ter medo e correr muito. Pois ganhou tal embalagem pelas ruas que se não fôsse *o velha* êle ia pelas escadas abaixo atrelado ao carro. Depois desatrelou-se do carro e levaram-no para o largo mas êle desta vez não lhe apeteceu fazer tourada. A seguir é o banho. E' uma grande alegria quando no verão aos domingos o vamos tomar. Já quasi todos sabem nadar só o Zorolho é que todos os sábados foge com medo. O Barriga-de-lata que tanto fugia, agora já gosta da água e nada que nem um peixe. Em seguida vamos ouvir o relato do futebol.

A' noite é a catequese e a reunião da conferência.

///

O Manuelzito, aquêle pequenito da Figueira que não sabia falar por estar sempre preso já fala mas é só com palavras de duas sílabas. No outro dia entrou na capela onde se encontrava uma imagem de Cristo com a bola do mundo na mão e êle vai assim:

—O' Zé Bial an... an... Pai chéu tem bol! E depois aproximou-se e começou a pedir a bola: —O' Pai-chéu tira a bola. E' muito engraçadito. A's vezes já vai à erva.

///

O cão conhece todos os gaiatos da casa. Quando vem algum de novo êle fica todo danado e se o pode apanhar morde-lhe. Foi o que sucedeu com o Manuel dos Tovins. Ia a passar por pé dêle; o cão atirou-se-lhe e mordeu-lhe no pescoço e na cabeça. Já foi ao Hospital a Coimbra e já está melhor.

///

O Sérgio fez anos no dia 30 de Setembro. Muitos parabens!

NA vindima quando andamos a escolher os cachos andavam muitas abelhas na adega. O bucha que ainda é inocente, mandaram a casa do ti-Francisco buscar uma corda para atar as abelhas, e êle foi.

///

FORAM três meninos à Figueira vender o Gaiato. Venderam perto de 400 jornais. O Snr. P.º Adriano foi ao Forte pedir. Depois quando veio foi à cadeia buscar um rapazito para cá para casa. Mas êle fugiu no comboio. O Sr. P.º Adriano arranjou 2.600\$00.

TAMBÉM vão sempre dois à Louroza vender o jornal. E' na Companhia Eléctrica das Beiras que compram mais.

A's vezes vai uma menina com êles e quasi todos os empregados compram. Na Louzã gostam muito do Gaiato. Até vinha um artigo no jornal de lá sôbre o nosso jornal.

Havemos de pedir ao Snr. Director para nos fazer a luz mais barata. Também foram a Miranda vender O Gaiato. Vendem sempre menos que na Louzã. Trouxeram muitas gorjetas.

DOCTRINA SOCIAL

O Diário Popular de 18 de Setembro, deu um tal relêvo à crónica do Lar do ex Pupilo do Reformatório em um dos últimos números de O Gaiato, que colocou em artigo de fundo a transcrição e comentários. Gostei.

A crónica, como tôdas elas são, foi feita pelo Herlander, de uma vez que êle foi de visita à sucursal da Casa do Gaiato no Porto, e conheceu a imensa alegria com que os nossos pequenos entregam à governante as suas férias da semana. Trata-se de um brado espontâneo; de uma interjeição racionada. Eu li, como leio tôdas as crónicas dos nossos redactores, e deixei passar.

Na verdade, os nossos Gaiatos do Porto, em mera aprendizagem, começam a ganhar muito mais do que os rapazes do Lar, em Coimbra, que saem dos Reformatórios, com algumas luzes de ofícios. Sabemos que nem todos são capazes de grandes vôos, mas alguns são e todos teem boa vontade.

Os dias de ferias em Coimbra, quando eu vivia mais assiduamente no Lar, eram para mim de tristeza, pela maneira triste como eles vinham ao meu quarto, mostrar o dinheiro:—*olhe tão pouco!*

A' mesa, nesses dias eu tinha invariavelmente de acudir aos mais exaltados: *rapazes, esperemos melhores dias!* Para muitos deles chegaram êsses dias. Alguns já se casaram, por suficiencia de ordenados. Mas ainda os temos com 100\$ e 60\$ por mês. *Eles estão à sombra do P.º Américo*, diz-se! Desculpa de mau pagador.

As injustiças, geram profundas calamidades na sociedade. E' a maldição imanente. *Deus existe!* Quem não fôr capaz de medir a profundidade destes problemas, pode muito bem acontecer que ponha o ramo de loureiro em casas onde nunca se vendeu vinho; pode acontecer!

Mas há mais. Passei horas amargas na infância do Lar, quando os rapazes ganhavam todos pouco mais de zero, e eu tinha de pedir dinheiro ao Ministro da Justiça,

para os sustentar. Pedir uma injustiça ao Ministro da Justiça!

Mas ainda há mais. Davam-me, naqueles tempos, muitos fatos usados para eu distribuir aos pobres. Pois muito bem. Desde que me instalei com o Lar, nunca mais me foi possível dar um fato; eu tinha de vestir os meus rapazes, que não eram pobres, e não pude nunca mais vestir um pobre! *Bemaventurados os que sofrem por amor da justiça*, diz o Senhor. Eu calava-me e sofria.

Mas um dia não me segurei. Escrevi. Disse que na cidade de Coimbra, o trabalho andava a pedir esmola. Que não podia vestir os meus velhos alquebrados, por ter de vestir rapazes novos, com oito horas de trabalho. Disse que patrões, por aquela forma, pareciam locupletar-se com a roupa dos pobres!

Foi a primeira vez que uma pinta de desespero me veio ao coração. Eu tinha ido ver um pobre ao Arco Pintado, deitado sôbre uma rima de palha, nú, por não ter que vestir; e eu não tinha nada que lhe dar.

Chorei ao pé dêle.

—Que tem, padre?

—Não tenho roupa para si!

Ele há outra coisa no mundo que tem mais poder do que a bomba atômica e causa cataclismos mais sérios do que aquela, porque de ordem moral;—é a fôrça do Direito. Eu tinha cá o meu juízo formado acêrca dessas rapazes que p'raí andam nos jornais. Tenho, mas guardo. Os outros que falem.

Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas livrarias do País.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Agora, que já temos notícia da vinda do automóvel, é tempo de se formular novo pedido: —Um órgão para a nossa capela. Esta é um brinco.

E' genuinamente portuguesa. Só lhe falta falar. Dentro de breve tempo será posta ao culto. Construir igrejas para o culto sem a obra social anexa, é uma anomalia. O homem é um composto misterioso de corpo e alma. A paróquia deve prover às duas coisas. Não-de vir tempos e oxalá já o fossem, em que os homens não-de considerar como verdadeiro culto a Deus, somente o que for também baseado no amor do próximo; e não se atreverão a erguer templos, sem estalagem perto do templo, onde se curem feridas de irmãos. Queremos um órgão para a nossa capela. Esperamos um órgão para a nossa capela. Elas são, na Rua da Rua, uma exigência do amor do próximo. Nem em Miranda nem em Paço de Sousa, se começou por levantar capelas. Mas também é certo que nem cá nem lá seriam obras completas sem o pequenino templo. Do que nasce a formosura com que as vestimos. D'aqui, o muito que lhes queremos.

Quem vai levantar a mão a dizer que sim? Um órgão!

Mais nos combóios a costurada cantilena do "Tome lá e aqui tem". Mais de várias terras várias notas, pelos serviços postais. Mais no "depósito" mil escudos. Os habitantes do Porto já vão afinando com a nossa Sucursal. Teem-nos dado muitas coisas; ultimamente foi uma data de peças de mobília. Esbocei o desejo de trazer comigo para Paço de Sousa duas delas, mas o pequenino cozinheiro, plantou-se no meio da casa a dizer que não.

—O' rapaz; olha que esta casa não é nossa e as de Paço de Sousa são.

—Deixá-lo. São coisas dadas para aqui e aqui não-de ficar.

Ele ainda há quem diga que o direito de propriedade é uma coisa inventada pelos homens e que não é uma coisa que nasce com o próprio homem.

Mais uma pancadaria de Visitantes, que deixaram o complemento directo da visita e mais nada.

NOTÍCIAS DIVERSAS

O *Compadre-Chegadinho* é uma das figuras mais populares da nossa aldeia; e também é sobejamente conhecido dos leitores, para ser apresentado. É uma alma dispersa; gosta de andar por lá; tem horror ao trabalho. Compadre que foi do Tiro-lírio, este confessa que tinha de mendigar para os dois, pois que o *Compadre* não se mexia.

Vai fazer dois anos que está em nossa casa e os progressos são quasi nulos. Como é difícil corrigir!

Há dias fugiu. Ele é da cozinha do forno. Quando nota muito trabalho à sua frente, resolve o problema, fugindo-lhe. Ora isto perturba a nossa vida doméstica, por falta de pessoal maior.

Compadre foi chamado a contas, na barra do nosso tribunal. No meio da sala, escutou as nossas queixas: que não podíamos continuar assim; que a medida estava cheia; que dois anos de vida dava tempo a reformas. A luz incidia-lhe no rosto. As bagadas corriam. Nomeou-se uma comissão de três *juizes* para julgar o caso e dar decisão: ou tomavam eles conta do rapaz ou ele tinha de ir para as ruas de onde viera.

Vem a comissão no dia seguinte. Escolheram o primeiro caso:

—Nós queremos ajudá-lo a si e ao *Compadre*!

Oh! portas de cadeias, que tão fáceis sois de abrir; quam difícil não é o impedir que se abram!

O *Bucha* é o Gaspar; aquêlê que nos apareceu à porta, mandado por uma mulher de Espinho, segundo ele, e é tudo quanto se sabe. Pois o Gaspar vinha muito magro, da fome, e hoje chama-se e é *Bucha*! As provas das nossas contas não são dos nove; são provas reais.

Bucha trazia tina. Foi curado e ficou amigo do Médico. Este encontrava-se em férias, na vila de Paredes. *Bucha* desapareceu de casa mai-lo Vitória. São casos correntes. No dia seguinte vieram. A' noite, tribunal.

—Conta lá Vitória?

—Foi o *Bucha*.

—Mas como foi?

—Foi êle que disse que estava em Paredes o senhor Doutor que olha as cabeças e que se come lá muito bem, e a gente fomos.

—Pois aqui também se come bem, e o *Bucha* vai comer.

Rio-Tinto foi pela colher de pau e do que se passou, pode contar o dito *Bucha*.

CHEGUEI de fora e ouvi oitenta vezes, de outras tantas bocas, a nova de nos haver nascido um cordeirinho.

—Foi às 3 horas da tarde.

—Mas não; foi mas é às 4.

E daqui nascem disputas, que acabam por tremendos sarilhos.

—Dize lá tu; foi às 3 ou às 4?

Os nossos filhos dão relêvo às coisas da vida caseira; às mais pequeninas — tão grandes!

VEIO aqui o Pai do Mário e levou-o.

Disseram-lhe que não, porque eu estava ausente, mas êle disse que sim.

O rapaz estava no primeiro ano do seu noviciado; com mais dois, poderia ir para a rua. Era, aqui, aprendiz de barbeiro; com mais dois anos, poderia ganhar o pão pelo officio.

—mas o *pai* preferiu levar o menino para a miséria de onde viera e actualmente está. É uma desgraça, das muitas que impendem sobre este género de rapazes ter família.

ERA noitinha quando o Zé nos bateu à porta. Trazia 3 batatas crues numa saqueta. Pediu para ficar.

—De onde vens?

—Ando por aí.

—A tua terra?

—Barcelos.

Contou-nos que caminho trouxera, onde dormia, trabalhos que passara.

—Porque não foste para o Porto?

—Dizem que lá nos prendem.

O Zé ficou. Naquela noite, dormiu num dos nossos corredores e comeu o caldo fora da porta da cozinha. Os companheiros saíam-no, à entrada. Havia no rosto de todos um ar de alegria; chegou mais um irmão!

Manhã fora. Rio-Tinto rapou, lavou, vestiu o viandante. Trabalha nas turmas do campo.

TEM 11 anos. Para ganhar o pouco que come, guarda um rebanho de cabras que saltam para as quintas causando danos, pagando êle com tremendas sovas dos patrões. Ouviu falar na Casa do Gaiato. Pediu-me para ir. Fiquei espantado da ideia.

Esta carta é de Castendo. O pequenino pastor, magoado com as sovas, procura a sua Mãe. Que é dela? *Anda por Lisboa a governar a vida*, informa a dita carta.

Pois muito bem, senhora de Castendo G. P. C. Logo que o P.º Fatela vá à Covilhã buscar o nosso carro, eu participo. Ele fará por aí caminho. Vá arranjando uma taleiga de castanhas que dê um magusto para cem bicos.

Quero ver aqui perto de mim a cara desse rapaz. Desejo conhecer quem tanto nos ama, a pontos de chamar de tão longe por nós; — e estreitar ao coração. Quem sabe se estas regras não irão ter ao conhecimento da transviada e ela queira dar ao filho o amor que lhe pertence; — quem sabe?!

CHEGOU o António. E' de Miragaia, o mais perfeito alfobre de flores amortecidas. Tem mais pernas do que tronco. Muito moreno. Muito vivo. Foi para os do campo, e ali baptizado pelo Daniel. E' o pernas. O' pernas! E pernas vem. Dormia por lá. Nunca vi fazer tanta festa a um leito, como o pernas fez à caminha que se lhe deu!

Apegou-se ao trabalho e anda contente.

—Quando é que vais fugir?

—Eu? Nunca!

O Norberto de Paredes, com o estar conosco somente duas semanas, deu uma tremenda lição à comunidade inteira: achou e entregou cinco escudos.

A acção foi solenemente realçada, depois da ceia. Foi-lhe servido um prato de compota de fruta que êle lambeu regaladamente.

Do que nos vem ter à Casa do Porto

Coisas do Arco da Velha! à mistura com muita simpatia e desejos que a Obra cresça. Mandaram-nos recado para ir à rua X por uns objectos de prata; e que levassemos uma saca. Na data em que escrevo estas regras, não vi ainda do que se trata, mas o Júlio acaba de me comunicar que é um bule e uma leiteira e uma molheira e duas salvas, tudo muito grande e muito bonito. Também veio da mesma casa um embrulho de roupas. Do Espelho da Moda, vieram, 3 frangos, um Kodak, uma caixa com sacarina, dois pacotes com rebuçados, um cartucho de amendoas de casca, e 40\$00, e mais nada. Mais que entregaram ao Licínio 40\$00. Mais uma data de peças de chita.

Notícias do Lar

Outro génio:—Trata-se do Filipino! Este homínculo (note-se que êle irá para o próximo ano às inspecções militares e deve ficar isento do serviço por excesso de aptidões físicas!), tem uma vocação nata para assuntos electro-dinâmicos! Em casa, só se enxergam fios atravessando os corredores e penetrando em tôdas as dependências, sem respeito pelas portas e paredes, que se encontram perfuradas aqui e acolá. Dá impressão duma perfeita e complicadíssima teia de aranha! Na época de rigorosa invernia, êste emaranhado de fios irá até servir para estendal de roupa! Há dias, o nosso técnico conseguiu fazer duma pequenina caixa de pó de arroz, apenas com 5 cm. de diâmetro, uma aperfeiçoadíssima e delicada galena. Sucesso: passados poucos dias, era procurado para dar informes do prático aparelho e contratado por várias casas de especialidade! Que serviços não ficará o progresso da Ciência a dever, um futuro próximo, a êste prodígio!

Outra vocação, que, bem aproveitada, irá longe no campo diplomático. Fala-se do César! Quando entrou para a comunidade, dificilmente se lhe ouvia uma palavra. Hoje, causa assombro quando toma voz para decidir das mais intrincadas questões familiares. Cicero teria que se humilhar na sua dialéctica e oratória! Pena é que o César, empolgado pela sua eloquência, se deixe, por vezes, perder na lógica das argumentações, e complique ainda mais os assuntos, acabando por ficar também comprometido!

O elogio que se fez ao Guedes pela magnanimidade do seu coração, despertou ciúmes na pessoa do Teles, que reivindicou agora o carinho aos gatos da casa. O Guedes, ofendido, defende-se da seguinte maneira: «Bem, eu sou o pai dêles; querêras tu ser a mãe?» O que é certo, é que os animais começam a sofrer com tantos mimos, e estão na contingência de verem a cabeça separada do corpo, porque os pseudo-pais já brigam, reclamando, cada um, a sua prioridade.

Com a chegada do novo ano lectivo, principiam novamente para nós as leituras espirituais, feitas aos domingos, em comunidade, pelo maioral. Embora leve somente 10 a 15 minutos, o conteúdo de tais leituras, sãs e ideais, educadoras e depuradoras, obriga-nos a encarar a vida sob os seus múltiplos aspectos, dando-nos a conhecer preceitos para a levarmos cristãmente e a sofrer com resignação as contrariedades que ela constantemente nos traz. Não víremos a ser uns perfectos modelos no escol da sociedade, mas dos ensinamentos que temos recebido, alguma coisa há-de ficar no nosso espirito, que nos permita uma conduta exemplar, digna aos olhos daqueles que se esforçam por nós; e que mantenha sempre bem alto a reputação do Lar—Obra mais para beneficio dos vindouros do que para aqueles que actualmente o habitam.

O noticiador,
Heriander.